

Fernando Henrique critica a esquerda e afaga os aliados

“Eu preciso do PMDB. O Brasil precisa e o PMDB tem ajudado”

por Elianê Cantanhêde
de Brasília

Em entrevista coletiva de uma hora e meia, no Palácio do Planalto, o presidente Fernando Henrique Cardoso criticou duramente os partidos de esquerda que são contra o acordo da reforma da Previdência Social e os líderes do Movimento dos Sem-Terra que, segundo ele, “transformam uma questão social em questão de polícia”. Apesar de estar sempre negando a tese da reeleição, desafiou seus opositores para as próximas eleições.

“Como você pode ser contra uma coisa que o trabalhador reconhece como boa?”

“Será que não esqueceram a eleição até hoje? Vamos para a próxima e vamos ganhar de novo”, provocou o presidente da República, que em seguida tentou amenizar: “Não eu, mas quem eu apoiar?”

Num outro momento, um repórter lembrou que Fernando Henrique defende um sucessor com perfil político e sensibilidade social, perguntando-lhe: “Esse não é o seu próprio perfil?” Passados alguns momentos, o presidente argumentou que havia esquecido a pergunta e teve, aparentemente, um outro ato falho: “O perfil é o mesmo”. Depois, brincou: “Meu perfil é o do chargista Chico Caruso”.

Se foi incisivo ao criticar o comportamento das esquerdas, o presidente foi gentil com os aliados. Ao PMDB, a melhor referência, justificando por que foi ao almoço da véspera com a cúpula pemedebista: “Fui porque preciso do PMDB. Eu não. O Brasil precisa e o PMDB tem ajudado. Ajudou a estabe-

lização, ajudou ao Plano Real”. O elogio fora, explicitamente, cobrado na véspera pelo presidente do partido, deputado Paes de Andrade (CE).

Em seguida, o presidente convocou os aliados para ganharem as eleições defendendo o governo e ampliou as referências honrosas também ao PFL, ao PSDB e ao PTB, esquecendo-se do PPB, um dos quatro maiores partidos da coligação governista. Nesse momento, reconheceu o direito de os partidos pedirem espaços no governo e disse por que não trocava seus ministros: “Acredito que vale mais a pena criar experiências mais constantes na administração pública, expectativas mais estáveis, embora seja possível aperfeiçoar daqui e dali”.

O ataque aos partidos de esquerda surgiu em dois trechos diferentes da entrevista. No primeiro, ainda no início, ele disse que se alegrava com o acordo do governo com a CUT e a CGT para viabilizar a reforma da Previdência Social e elogiou as duas centrais. Ao se referir a elas como “a sociedade”, ele condenou: “Os setores do Parlamento que dela se isolam — meu Deus! — fazem um papel que não é o melhor para a história”.

O segundo ataque foi já na fase de perguntas (doze, no total, por ordem de inscrição). “Está claro que alguns setores de partidos, o que eles querem não estão com aquela preocupação nem com o trabalhador, nem com o interesse público. (...) Essa gente no fundo está fazendo oposição a eles próprios. Estão perdendo o rumo. Como é que você pode ser contra uma coisa que o trabalhador reconhece como boa para ele?”

Quanto ao Movimento dos Sem-Terra, ele disse que a reforma agrária do governo era para o País, não para o MST, e desafiou: “Ninguém ganha uma luta política dessa magnitude quando transforma a questão social em questão de polícia”. E chamou o líder do movimento para uma conversa.

O presidente foi vago na sua resposta sobre o reajuste salarial do funcionalismo, condenando o princípio do aumento real. “O que eu não quero mais é a mentalidade inflacionária. Não quero repor o plano de não sei quem. Vamos pensar no Plano Real, que deu, não tomou.” Apesar de dizer que ainda não tinha informações para falar sobre se haverá ou não reajuste,

ele argumentou em contrário. Segundo Fernando Henrique, o INPC-r no ano passado ficou em 11% e os servidores tiveram um aumento de 17%.

Ele fez uma enfática defesa do Sivam, ao conchamar os críticos “a ter a humildade de falar sobre o que sabem e não sobre o que não sabem” e comparou: “Eu tenho humildade. Quando chegou o pessoal da Aeronáutica, que levou anos fazendo isso, que contraiu tudo o que podia como consultoria, não tenho a levandade de dizer que está tudo errado”. Acrescentou, ainda, que “concorrência internacional é coisa séria”. Em público, ele nunca havia sido tão enfaticamente favorável ao Sivam.